Mulheres em marcha contra Bolsonaro!

Jornal da Marcha Mundial das Mulheres/Janeiro 2019

Elaine Campos

Resistimos para viver, marchamos para transformar!

Mulheres, neste ano de 2019 teremos muitos desafios pela frente. O governo de ultradireita do presidente Jair Bolsonaro tomou posse em 1º de janeiro e confirmou a que veio: **anular direitos** conquistados após décadas de lutas, **destruir as condições de vida** do povo, principalmente das mulheres pobres, negras, indígenas e LGBT, **aumentar a exploração e a violência, entregar nossas riquezas** a grandes empresas transnacionais e colocar o Brasil em uma posição submissa no cenário político internacional. Em menos de um mês de governo, Bolsonaro mostra que vai atuar espalhando discursos de ódio, ataques aos movimentos sociais, organizações da sociedade civil, professoras, estudantes e todos que lutam por terra, justiça social e igualdade.

A resistência feminista é permanente: fomos nós, mulheres, que saímos às ruas para dizer "Ele não", recusando por completo o programa de Bolsonaro. Não é de hoje que nós resistimos e lutamos contra as políticas que atacam diretamente as nossas condições de vida, trabalho e dignidade. Essas políticas se intensificaram a partir do golpe de 2016, com o governo de Michel Temer (que só fez a vida piorar) e, agora, com o governo de Bolsonaro.

2019 será um ano de fortalecer, ampliar e enraizar o feminismo a partir dos lugares em que vivemos, trabalhamos e estudamos. **O feminismo precisa estar em movimento permanente, organizado e popular, capaz de questionar as dinâmicas do capitalismo racista e heteropatriarcal.**

Esse governo é contra o povo e contra as mulheres

Enfrentamos um governo que é resultado de um **complô entre empresários, militares, latifundiários, banqueiros e certos pastores e padres.** Em todas as áreas, vemos diariamente medidas que atacam diretamente o povo que vive do seu trabalho. Por outro lado, os setores do mercado demonstram sua empolgação com a destruição dos direitos, que são vistos pelos empresários como obstáculos para ter mais lucro. Ministros e o próprio presidente frequentemente discursam contra o direito das mulheres ao aborto, contra a diversidade sexual e o pensamento crítico.

Como movimentos sociais, um dos desafios que temos é o de **organizar a resistência sem fragmentar nossas ações**, mostrando como a economia e as políticas adotadas determinam a manutenção ou a destruição de direitos e impactam sobre as condições de vida da população.

Nossa visão feminista revela que a reação patriarcal é parte integral do programa deste governo. **Não se trata apenas de um efeito colateral e muito menos de uma cortina de fumaça** para ocultar ações anti-povo no âmbito da economia.

Essa reação patriarcalserve para que a lógica do sistema econômico continue funcionando. O centro dessa agenda é a **defesa de uma família** necessariamente heterossexual, que **controla a sexualidade das mulheres** lançando mão, inclusive, da **violência. A imposição da maternidade** como destino anda junto com a **perseguição ao aborto**. E a **divisão sexual do trabalho** continua organizando a desigualdade.

Quando os direitos à saúde, à educação e à seguridade social são atacados, há um **aumento do trabalho doméstico e de cuidado** realizado pelas mulheres. Esse trabalho, apesar de essencial para garantir as condições de vida e a reprodução social, é também invisível na sociedade. Por isso, **não separamos a luta em torno do salário mínimo, da aposentadoria e dos direitos trabalhistas do conjunto desse trabalho não-pago realizado todos os dias**: quando a renda das famílias diminui, seja pelo desemprego, por empregos precários e sem direitos ou pelo corte de serviços públicos, aumenta o trabalho das mulheres para garantir a sustentação da vida, ou seja, o preparo da comida, o cuidado com a casa, as crianças, as pessoas idosas e doentes, entre outras tarefas.

MENOS DIREITOS, MENOS EMPREGO... MAIS EXPLORAÇÃO

A destruição dos direitos aponta para outro modelo de Estado, onde as instituições públicas dão mais espaço para as empresas e se retiram da tarefa de regular e garantir direitos.

Os empresários não escondem que, em tempos de recessão, **contratam mulheres com salários mais baixos** do que pagavam aos homens para fazer as mesmas tarefas e com menos direitos.

Com a **reforma trabalhista e a terceirização irrestrita**, a situação precária de grande parte das mulheres no mercado de trabalho, que já era ruim, passa a ser cada vez mais a realidade da maioria dos trabalhadores e trabalhadoras. Além do **desemprego**, cada vez mais trabalhadores e trabalhadoras estão em **trabalhos informais, contratos precários ou em tempo parcial.**

A precariedade é uma característica dos empregos do setor de serviços, onde trabalha boa parte das mulheres, e grande parte das mulheres negras. As privatizações e terceirizações impõem rotinas e condições de trabalho cada vez piores - o que os empresários chamam apenas de "flexíveis".

Os efeitos da crise e da emenda constitucional do "Teto de Gastos" já são sentidos no cotidiano das mulheres. Na saúde, hospitais limitam seu atendimento, em postos de saúde faltam profissionais, medicamentos. E equipamentos de assistência social às mulheres, idosos, população de rua e LGBT são fechados por falta de vontade política e de recursos.

Equipamentos de educação infantil (creches e pré-escolas) cada vez mais atendem as crianças apenas por meio período. Isso empurra as pessoas, e principalmente as mulheres, a aceitarem trabalhos em piores condições, com salários piores, e a se sobrecarregarem.

A desigualdade de classe, de raça e de gênero são os motores do capitalismo no Brasil. Essa desigualdade não se reduz a números, mas tem a ver com relações de exploração, dominação e opressão. A história do nosso país foi estruturada pelo trabalho escravo e pela exploração. Reivindicar direitos não é um privilégio, e sim parte da construção de um futuro com justiça social. Nossa história recente mostra que é preciso ampliar os direitos, mas também impulsionar processos que mudem a forma como a vida se organiza.

Elaine Campos

MULHERES EM DEFESA DA APOSENTADORIA: PREVIDÊNCIA NÃO É MERCADORIA!

A Marcha Mundial das Mulheres está junto com os movimentos sociais, sindicais e do campo para barrar as propostas de reforma da previdência que retiram direitos.

Uma das principais agendas do golpe de 2016 foi a reforma da previdência e a mobilização popular conseguiu barrar a proposta do golpista Temer. Agora é preciso barrar a proposta de Paulo Guedes e Bolsonaro, que anuncia ser ainda pior.

As discussões apontam para um modelo que irá generalizar a pobreza entre os idosos e favorecer exclusivamente os bancos.

Entre os elementos da reforma já apontados pelo atual governo estão: o aumento da idade para aposentar, a desvinculação dos benefícios da seguridade social do salário mínimo (como o BPC - Benefício de Prestação Continuada) e a implementação de um sistema de capitalização privado que tem como base o individualismo. Nessa proposta **não há solidariedade** entre gerações, **nem segurança** para aqueles que têm menos condições ou mesmo para quem não têm condições de trabalhar, como pessoas com deficiências severas ou doenças incapacitantes.

Essas propostas são extremamente nefastas para a vida da classe trabalhadora e para as pessoas mais pobres, pois ampliam ainda mais a desigualdade e podem colocar a vida das pessoas nas mãos do sistema financeiro sem nenhuma garantia de remuneração adequada.

O governo tenta nos empurrar essa reforma falando de um déficit que não existe. Seu interesse real é aumentar o lucro das empresas e favorecer os bancos, que ganharão muito com planos privados. **Não podemos nos iludir!**

É preciso manter o regime de repartição, onde empresas, governo e trabalhadores contribuem para garantir a aposentadoria. **Nós defendemos a ampliação da seguridade social e uma previdência universal, que continue baseada na solidariedade intergeracional.**

Arquivo MMM

PROTEGER QUEM LUTA PELA VIDA, PELA TERRA, PELA IGUALDADE E POR JUSTIÇA

O governo Bolsonaro ameaça destruir a democracia ao perseguir a esquerda, negar a pluralidade de opiniões, os movimentos sociais e suas formas organizativas. Para isso, utiliza-se do sistema judiciário. A **prisão injusta de Lula** é a principal expressão dessa perseguição e dos usos desonestos da lei.

Além disso, o governo anuncia o **monitoramento de organizações da sociedade civil**, o que abrirá um novo espaço de ataques aos movimentos sociais do campo popular.

A perseguição à esquerda também se dá com o uso da violência, de ameaças e assassinatos. Em março se cumprirá **um ano da execução da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes**, crime que permaneceu por 10 meses sem que fossem encontrados os responsáveis - as investigações indicam que o principal suspeito, chefe de milícia, tem ligações com a família Bolsonaro. O capoeirista Mestre Moa do Katendê foi assassinado a facadas por declarar apoio ao PT, no dia seguinte ao primeiro turno eleitoral. E pelo menos 50 pessoas foram

agredidas, só no período eleitoral, por serem contra Bolsonaro. A maioria das agressões expressava machismo, racismo e LGBTfobia.

Expressamos nossa solidariedade ativa os movimentos sociais que são alvo de muitos setores do governo e da extrema direita. **Ninguém solta a mão de ninguém!**

ENFRENTAR TODAS AS FORMAS DE VIOLÊNCIA

A violência é um instrumento para a extrema direita que está no poder e que cresceu na sociedade brasileira.

No campo, a violência é legitimada pelas ações e pelos discursos do atual governo, que **persegue, criminaliza e assassina os sem-terra e os povos indígenas e quilombolas**, a quem nega sua autodeterminação e entrega seus territórios para o agronegócio e a mineração. Não há possibilidade alguma de reforma agrária e demarcação de terras justa neste governo composto por latifundiários.

A violência e a militarização não começaram agora. Ao contrário, já fazem parte do cotidiano de milhões de brasileiros e brasileiras que têm seus territórios de vida marcados pelo controle militarizado. **As mulheres negras, assim como os homens negros, são as que mais morrem por violência, e essa violência parte, inclusive, do Estado.** São as mulheres negras que reconstroem a cada dia as relações e a vida, enfrentam o luto, denunciam a lógica genocida da polícia racista. A criminalização das drogas é uma **guerra contra os pobres** que precisa ser enfrentada pelo conjunto da esquerda, encarando o sistema carcerário, a justiça seletiva, os interesses do mercado e de seus representantes políticos.

Facilitar a posse de armas é uma medida que produz ainda mais violência. E essa violência tem raça e tem gênero: uma casa com arma é ainda mais perigosa para as mulheres.

Só nas três primeiras semanas de 2019, foram registrados 68 casos de mulheres assassinadas e pelo menos 39 foram vítimas de tentativa de feminicídio. **A maioria das agressões contra as mulheres acontecem em casa e cerca de metade dos feminicídios são provocados por armas de fogo.** Quando as condições de vida são atacadas, a violência contra as mulheres aumenta. Um desafio do feminismo nesta conjuntura é pautar o enfrentamento à violência dentro do conjunto das lutas sociais.

MULHERES EM DEFESA DA DIVERSIDADE, DA IGUALDADE E DA LIBERDADE

Esse governo legitima a violência simbólica e física contra mulheres e negros. Rebaixa a compreensão sobre Direitos Humanos ao excluir a população LGBT, alvo do ódio conservador: os assassinatos e a violência contra lésbicas, gays, travestis e transexuais têm crescido em todos os cantos do país.

A negação e a perseguição da diversidade e do pensamento crítico é um eixo de ataque do governo, em especial, **contra a educação.** Esse ataque tem como ferramentas: a campanha do Escola sem Partido, perseguição a estudantes e professores, a censura ao pensamento crítico. A educação é alvo de sucateamento e ameaçada de privatização.

Arquivo MMM

Querem impor concepções militares de educação nas escolas e reduzir as oportunidades de acesso da população mais pobre às universidades.

NOSSA LUTA É INTERNACIONAL

O ascenso da extrema-direita no Brasil não é um fato isolado do que acontece em outras partes do mundo. **Para a América Latina, o governo de Bolsonaro tem implicações graves**, tanto por colocar mais à direita governos como o dos presidentes Mauricio Macri (Argentina) e Sebastián Piñera (Chile), como por ameaçar diretamente os territórios e a soberania dos povos.

Isso é extremamente preocupante com relação à Venezuela. São permanentes as campanhas de desinformação e as tentativas de desestabilização do governo do presidente eleito e legítimo Nicolás Maduro. Desde as nossas trincheiras **somos solidárias com o povo venezuelano**, e particularmente com as mulheres em luta da Venezuela, extremamente ativas na defesa da democracia. **Não admitimos nenhuma intervenção estrangeira que ataque a soberania popular.**

A subordinação de Bolsonaro ao governo dos Estados Unidos é explícita.

É preciso fortalecer e ampliar nossa aliança com as mulheres e os movimentos sociais em lutas anticapitalistas e antifascistas. Para isso, priorizamos a organização da Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo e a articulação da ALBA-Movimentos. Estamos comprometidas a concretizar práticas de internacionalismo e solidariedade em nosso cotidiano de militância.

Carla Vitória

Arquivo MMM

Um Estado capitalista, patriarcal e racista

O Estado não é neutro em relação às desigualdades que sofrem as mulheres e a população negra. Essas desigualdades estruturam as relações sociais. Para superá-las, são necessárias mudanças econômicas, políticas e sociais. Ao recusar sua responsabilidade de criar políticas para combater a desigualdade, o Estado torna-se conivente com a violência e a discriminação.

As mudanças institucionais promovidas pelo governo exigem alerta, e são sintomas de uma agenda totalmente contrária ao povo brasileiro. Repudiamos o esvaziamento da Funai (Fundação Nacional do Índio), o desmonte da Secretaria da Diversidade do MEC (Ministério da Educação) e do CONSEA (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional). Questionamos a própria concepção do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, representada por uma mulher ultraconservadora. Nossa luta, especialmente agora, precisa ser no campo da organização popular, da construção de consciência crítica, da mobilização contra os retrocessos e da reconstrução de estratégias de transformação social.

Com estratégias antissistêmicas, a auto organização das mulheres se faz ainda mais necessária para derrotar tudo que o governo anti-povo de Bolsonaro representa. **Bolsonaro é contra as mulheres e o povo: a resistência é feminista e popular!**

Davidson Rodriguez

2019: agenda de lutas da Marcha Mundial das Mulheres

No 8 de março e em todos os outros dias, estaremos nas ruas em defesa da aposentadoria, contra a política econômica que destrói vidas e direitos, contra o conservadorismo que persegue as mulheres que abortam e a população LGBT, contra o agronegócio, a desigualdade, o racismo e a violência. Dizemos não a Bolsonaro para poder dizer sim à vida, à reforma agrária, à justiça, à igualdade e à liberdade.

24 horas de solidariedade feminista internacional

Contra o poder das empresas transnacionais que exploram o corpo e o trabalho das mulheres em todo o mundo, estaremos nas ruas no dia **24 de abril,** uma data de solidariedade internacional. Nesse dia, as militantes da Marcha Mundial das Mulheres saem às ruas nos cinco continentes, das 12h às 13h, em uma ação que acompanha o ciclo do sol, do Oceano Pacífico ao Atlântico, totalizando 24 horas de solidariedade feminista.

No Brasil, iremos às ruas denunciar os interesses corporativos, principalmente dos bancos e do sistema financeiro, que estão por trás das medidas impostas pelo governo de Jair Bolsonaro.

Arquivo MMM

Daremos visibilidade às nossas resistências e às nossas alternativas. O sentido da nossa solidariedade é a construção de uma força mundial desde as mulheres organizadas em nível local, capaz de questionar o capitalismo patriarcal e racista. Queremos mudar o mundo e a vida das mulheres em um só movimento.

Marcha das Margaridas

"Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência" é o slogan da Marcha das Margaridas. A 7ª edição acontecerá em **agosto de 2019**. Essa ampla mobilização, que em 2015 reuniu em Brasília 70 mil mulheres do campo, das águas e da floresta, é parte de um processo de formação e mobilização das mulheres em todo o país, tecendo suas experiências comuns de vida e luta.

A Marcha das Margaridas é inspirada na luta de Margarida Maria Alves, uma mulher trabalhadora rural nordestina, presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, que foi brutalmente assassinada pela ação do latifúndio, no dia 12 de agosto de 1983. **A Margarida que os poderosos quiseram calar espalhou sua semente.**

Organizada pelas mulheres da CONTAG, a primeira Marcha das Margaridas foi realizada em 2000 em adesão à Marcha Mundial das Mulheres. Desde então, foi se instituindo com um processo de mobilização próprio, construído de maneira permanente nas comunidades, municípios e estados, que vai se espalhando e crescendo até chegar às ruas da capital do país, a cada 4 anos.

Neste ano marcharemos mais uma vez para reivindicar um país soberano, construído a partir da vontade do povo; um país democrático, tendo a justiça social, a liberdade e a igualdade de oportunidades para as mulheres como pilares de nossa luta.

Por isso, a Marcha das Margaridas tem o caráter de:

- Denúncia e protesto contra as condições de vida no campo, a pobreza, a desigualdade econômica e social, a violência, o racismo, a homofobia e a exclusão das mulheres das políticas públicas.
- Resistência e enfrentamento ao avanço da agenda antidemocrática, conservadora e privatista. Reafirmamos a manutenção e garantia de direitos, a soberania popular, com democracia, relações igualitárias e uma vida livre de racismo e violência contra as mulheres.
- Proposição e pressão para efetivação de ações visando construir o projeto popular, sustentável, democrático, feminista, antirracista, soberano, agroecológico e livre de violência, construído e defendido pelas mulheres do campo, da floresta e das águas e expresso na Plataforma Política da Marcha das Margaridas.

Rumo à 5ª ação internacional da Marcha Mundial das Mulheres

Ao longo de todo o ano estaremos em diálogo com as companheiras da MMM de outros países, construindo nossa 5ª Ação Internacional, que acontecerá em 2020 e terá o seguinte lema: *Resistimos para viver, marchamos para transformar!*

A auto-organização das mulheres no feminismo, desde o âmbito local até o internacional, é uma marca do movimento que nos coloca em marcha até que todas sejamos livres.

Para saber como foram as ações internacionais da MMM no Brasil desde 2000, acesse **https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/a-marcha/nossa-historia/**

Marcha Mundial das Mulheres
www.marchamundialdasmulheres.org.br
@marchamulheres
www.fb.com/marchamundialdasmulheresbrasil
marchamulheres@sof.org.br
Janeiro de 2019

Jornal da Marcha 2019.indd 4 04/02/19 11:58